



EM “ESPELHO” ... O NARRADOR ENQUANTO “LEITOR CONTRAVENTOR”

Nelson de Jesus Teixeira Júnior*

Patrícia Kátia da Costa Pina**

RESUMO: Esse artigo visa estudar a ação leitora do narrador enquanto “*leitor contraventor*” que transgredir a forma de leitura padrão, linear e irreflexiva, que era exercida por parte da burguesia decadente, para dialogar com o leitorado da época e construir novas representações acerca de si, do outro e de seu entorno. Isso, a partir da análise de fragmentos dessas narrativas machadianas - que circularam na década de 59 do século XIX - que apontam para assuntos lidos de forma contra-hegemônica pelo cronista. A fundamentação teórica desse presente estudo multidisciplinar se dará por meio de teóricos como Iser(1999), Said (1995), Barthes (1989), Bhabha (2003), etc.

PALAVRAS-CHAVE: Narrador; Alteridade; Crônicas; Leitor.

Nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas [...] (SAID. **Cultura e imperialismo.**)

Essa epígrafe pode provocar uma reflexão acerca da idéia de imperialismo permanente, o qual, mesmo após a fase colonialista de habitação e exploração, ainda se presentifica no cotidiano, enquanto discursos hegemônicos que, como uma forma de poder, aprisiona, disciplina e permanece em vigor e uso na constituição (ou, talvez, reificação) do outro. Entretanto, em plena efervescência política no Rio oitocentista, o narrador leitor em algumas narrativas machadianas circuladas no periodismo, não apenas percebe essa forma de imperialismo, como

* Graduado em Letras (2008) pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-BA) e Mestrando, também em Letras, pela mesma universidade. Atualmente é Bolsista da CAPES e participa do grupo de Pesquisa História da Literatura e História da Leitura. Telefone: 73 - 32117474. E-mail: j-nelson2004@ig.com.br

** Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2000). Professora adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, onde desenvolve projeto de pesquisa relacionado às questões sobre leitor e leitura, bem como à literatura. Telefone: 73 - 30865686. E-mail: dacostapina@gmail.com

também, combate tais discursos hegemônicos, relendo-os de forma diferente da convencional, o que nos faz considerá-lo um “*leitor contraventor*”¹.

Os textos ficcionais sobre os quais refletiremos fazem parte da série de crônicas “Aquarelas”, que circulavam pelo periódico oitocentista “O Espelho”, durante a década de 1859. Essas narrativas construía diversas estratégias discursivas para ampliar o público de leitores, isso, através, principalmente, da atualização acerca do cotidiano que os periódicos possibilitavam aos seus leitores. Estudaremos, em especial, três crônicas datadas de **25 de setembro de 1859, 16 de Outubro de 1859** e, por fim, uma do mesmo ano publicada no mês de outubro cujo título é “**A reforma pelo jornal**”.

Iniciando a análise de nossa primeira crônica da série “Aquarelas”, datada de **25 de setembro de 1859**, o narrador machadiano traz como assunto a lenda do marinheiro batavo que lutou bravamente no mar. Por ser um assunto histórico, pois tratava-se de uma tentativa de invasão holandesa à Bahia, em que envolvia a França, Holanda e outros países baixos, o narrador re-discute algumas páginas da “história” do povo brasileiro, o que convida o leitor em questão a fazer algumas relações entre a história nacional e suas simbologias.

Antes de partirmos para a leitura dessa narrativa, vale pensar um pouco acerca dessa tradição do marinheiro batavo, a qual traz de forma intrínseca a idéia de posse e de honrarias àquele que invadiu nossa terra. Logo, a permanência dessa lenda implica numa continuidade desse passado colonialista (desconsiderando o presente) em que o discurso hegemônico ocidental via as terras brasileiras sempre abertas ao colonizador. Sobre essas tradições, em sua grande maioria eurocêntricas, vale lembrar que: “[...] em muitos países, e por vários motivos, praticou-se entusiasticamente a invenção de tradições [...]” (HOBSBAWM, 2002, p. 271). As tradições sugeridas por esse teórico, possibilitam-nos aplicar ao caso específico do Brasil oitocentista, pois, no caso da narrativa machadiana, trata-se de uma lenda de revisitação e consagração do passado colonial sobre o presente, presente esse, que buscava uma identidade nacional, o que confere maior importância ao tipo de leitura realizada pelo narrador leitor desse texto.

Não podemos deixar de lembrar que a tradição do marinheiro batavo termina construindo a alteridade acerca do outro, nesse caso, do invasor europeu enquanto “trabalhador” que vem “ensinar” as comunidades distantes da “civilização” do velho mundo a “civilizar-se”, reificando com isso, a figura do trabalhador local a um ser “aculturado” e necessitado de “boas condutas”, ainda que custe sua liberdade. Sobre essa idéia de apossar-se da “autoridade” enunciativa de falar e pensar pelo outro, Levinas (1997) entende que:

¹ Entendo “leitor contraventor” como aquele introjetado no texto ficcional que exerce uma forma de leitura que transgride à padrão, a qual na época era exercida por parte da burguesia decadente e tinha um traço irreflexivo sobre si, o outro e seu habitat.

A idéia do individuo que se ergue imperiosamente, se emancipa e confere sentido subjetivo, fundamento auto-fundador, tal idéia tornou-se precária. É preciso repensar a razão, a inter-subjetividade e, nesta, a alteridade. (LEVINAS, p. 10, 1997)

Assim, pensar em si e no outro num plano dicotômico, ou mesmo de hierarquização, não condiz nem hoje e nem ontem para o processo de reflexão sobre a condição humana na construção de suas representações. E, essa parece ter sido a idéia de alteridade entendida pelo cronista machadiano ao repensar seu lugar e o lugar do outro, construindo novas representações.

No primeiro trecho escolhido para a análise, o narrador cita as desventuras no mar vividas pelo marinheiro batavo, convidando, como provocação à memória coletiva, a que se lessem os feitos que eram atribuídos a esse marujo, o qual era desenhado como um herói mitológico que lutou contra o oceano, venceu os elementos cósmicos adversos e, como Vasco da Gama, cantado por Camões, passou pelo cabo das tormentas:

Aproximava-se do cabo tormentoso, onde o mar parece abrir uma porta do inferno. Aí, levado pelas convulsões terríveis da água embravecida, e pelo rebentar furioso da tempestade, naufragou. Só sobre os destroços de seu navio, Mário do mar, sobre ruínas de uma Cartago ambulante, tentou, com a pertinácia que caracteriza os filhos de sua pátria, atravessar aquele cabo tão celebrado por Camões. (ASSIS, 1970, p. 41)

No fragmento acima, o narrador constrói o parágrafo a partir do que era dito (oral ou escrita) sobre essa figura que, segundo alguns escritos, invadiu a Bahia. Essa forma de olhar-se como herói e ser civilizatório e, por outro lado, enxergar o outro como seres menores que precisam “constantemente” da intervenção das sociedades “mães” detentoras das boas novas, é típica de grande parte do ocidente europeu.

O que parece ser uma revisitação ao consagrado, em trechos posteriores, o narrador machadiano fará sua leitura acerca desse lendário invasor, conduzindo o leitor oitocentista carioca a duvidar até mesmo daquilo que é consagrado e pode virar (ou já virou) mito. Diante dessa possibilidade da lenda se transformar em mito, é válido pensar acerca de um dos traços que possui o mito, haja visto que: “[...] a mitologia participa de um construir do mundo [...]” (BARTHES, 1989, p.175). Conforme o teórico possibilita pensar, o mito termina sendo um discurso histórico que não possui um caráter eterno, mas, que tem dependência do outro para se tornar mito e, até mesmo, para deixar de ser. Por isso, antes de fazer a leitura crítica desse fato, o narrador traz para a lembrança do leitor os acontecimentos “míticos” que rodeiam essa figura descrita na narrativa, para logo em seguida colocá-los no espaço da dúvida e possível “diluição”. Essa idéia de mito entendida

por Barthes (1989) coloca em jogo outra idéia, a de recepção, a qual entende que o significante (mito) tem um significado aberto à leitura do outro (o leitor).

Ainda discutindo sobre o espaço aberto de construção que o mito possui, vale refletir, também, acerca da idéia de alteridade enquanto um *constructo* movente que rompe com as representações já postas e sugerem outras possibilidades de ver a si mesmo e ao outro:

A construção da alteridade (...) se move ao compasso das conjunturas históricas. As mudanças de representações hegemônicas correspondem a novas necessidades coletivas, oriundas da renovação de projetos políticos, econômicos, sociais, de situações culturais e outras. (ARRUDA, p. 41, 1998)

Conforme percebido nessa citação acima, a construção do outro e de si mesmo não tem uma validade fixa e, a depender da condição sócio-política, essa movência aponta para outras construções do eu e do outro, como acontece nessa narrativa machadiana, posto que o narrador re-constrói a imagem de si, do outro e do seu entorno.

A importância do tipo de leitura realizada pelo narrador machadiano sobre esse assunto do marinheiro batavo se deve pelo fato de que: “[...] a hegemonia da ideologia imperial [...] no final do século XIX havia se entranhado totalmente nos assuntos de culturas [...]”. (SAID, 1995, p. 43). Logo, a *leitura contraventora*, nesse caso, se configurava como um discurso contra-hegemônico que viabilizava aos leitores cariocas do oitocentos, possibilidades múltiplas de, não apenas perceber esses discursos eurocêntricos, como também, construir os seus próprios discursos acerca de si e de seu entorno.

Mesmo essa crônica tendo um teor de epopéia, o que não implica ser uma prática de leitura consagrada de visitaçã simplista ao clássico e mitológico, o narrador machadiano não abre mão da velha e recorrente ironia, agora bem mais discreta, ao deixar suspensa sua leitura da história do lendário marinheiro batavo: “É opulenta de pensamento e de relevo a lenda batava, apesar de não ser original.” (ASSIS, op. cit., p. 42). O narrador, ao colocar em questão essa lenda, ele conduz ao espaço da dúvida todos esses “mitos” que consagravam o invasor como único detentor do poder e da representação “maior” do povo e, especificamente nesse texto, essa falta de originalidade citada se dá pela grande relação entre vários feitos já presentes em obras literárias como a de Camões, Gonçalves Dias e, também no imaginário coletivo, tendo em vista que essa história tem um caráter oral. O ato do narrador em tirar o *status quo* da lenda e “redistribuir” o canto desse feito a outras fontes, já nos aponta para a construção de outras representações acerca de si mesmo e de seu entorno.

Em outra crônica de Machado de Assis, agora datada de **16 de Outubro de 1859**, o narrador machadiano inicia o texto trazendo para o leitor um traço da

antiguidade, o ato de mumificar cadáveres. O que poderia ser apenas uma maneira estilística de estabelecer diálogo entre o antigo e o moderno, o narrador convida o leitor a fazer questionamentos do que essa referência tem a ver com seu cotidiano, visto que as crônicas dialogavam (e ainda dialogam) com o seu tempo presente:

Os egípcios inventaram a múmia para conservarem o cadáver através dos séculos. Assim a matéria não desaparecia na morte; triunfava dela, do que temos alguns exemplos ainda. Mas não existiu só lá esse fato [...] (IDEM, p. 27)

Nesse fragmento, o narrador convida o interlocutor a estabelecer diálogo com a antiguidade e, por mais que esse leitor não saiba, tecnicamente e/ou simbolicamente, em que se trata essa atividade, ele saberá que o trecho em questão convida-o a pensar que em seu próprio *habitat* a mumificação enquanto ato de preservação – talvez de privilégios, de representação ou de status – ainda é recorrente.

Antes de continuar a reflexão sobre a referida narrativa, é preciso pensar nesse ponto proposto pelo narrador machadiano ao estabelecer diálogo entre o antigo e o moderno. Jauss em seu texto “A tradição literária e consciência atual da modernidade” discute a idéia de moderno e antigo refletindo sobre a postura tradicional de se pensar um em oposição ao outro e, nesse escrito, o teórico alemão entende que: “O novo realça o antigo, o antigo sobrevive no novo” (JAUSS, 1996, p. 54). Logo, como num processo *mimético* de “recriação”, todo “antigo” termina tendo traço do novo na medida em que se tomam outras apropriações dele e, todo “novo”, possui um traço do antigo, posto que ele foi pensado a partir de algo que o antecedeu. Nesse caso, o texto machadiano relê essa presença do “antigo-novo” (e vice-versa) em forma do ato de mumificar e, ao aplicar para seu cotidiano uma ação “passadista” ele age, também, como leitor de si e de seu entorno, construindo novas representações.

Nesse mesmo parágrafo do texto machadiano em discussão, é citada a figura do funcionário público como um ser que não se afasta por completo de suas idéias, funções e responsabilidades. E, se entendermos que nas décadas iniciais do oitocentos brasileiro foi realizado no país um grande movimento artístico, social e político em torno da construção do nacional no país, uma espécie de “cruzada nacional pelo nacional”, entenderemos esse funcionário público como um tipo de “modelo antiquado” do poder local que, mesmo “afastado”, apenas “vendo” a república construir outras formas de ver a si e o outro, ainda preservava alguns de seus traços nesses novos ares carioca: “Mas não existiu só lá esse fato [...] O empregado público não se aniquila de todo na aposentadoria; vai além, sob uma forma curiosa, antediluviana [...]” (ASSIS, 1970, p. 27). Assim, podemos entender aqui, uma crítica ao ato de “engessar” comportamentos, pensamentos e regras européias ainda existentes no cenário carioca, principalmente, as que vinham da

França, Portugal e outras nações que detinham o poder hegemônico do fazer artístico.

Nessa narrativa o narrador atua, também, de maneira performática, enquanto um tipo de leitor que enxerga seu tempo como um *entre-lugar*², espaço de habitação não mais restrito a um só tipo de pensamento, cultura, identidade... ampliando assim, a idéia de nacionalidade, vendo-a não mais como uma referência e permanência única dos traços europeus. Sobre esse ato performático exercido pelo narrador machadiano, vale lembrar no que pensa Zumthor acerca da *performance*: “Em outros termos, performance implica competência” (ZUMTHOR, 2000, p. 35). No caso específico do narrador machadiano, a competência de, enquanto um tipo de leitor inserido em “Espelho”, alcançar, por meio de estratégias discursivas textuais, o leitor carioca. A *performance* se dirige, ainda, a uma alteridade, visto que o cronista desenha no texto a figura do outro não como uma reprodução do estereótipo europeu, mas como um interlocutor que questiona as representações impostas pelo hegemônico e, assim, viabiliza novas representações de si, do outro e de seu entorno.

Em outro parágrafo dessa narrativa, o cronista amplia as discussões sobre esse funcionário público, enxergando-o como uma figura metafórica que representa bem o pensamento arcaico de reprodução e permanência que terminava reificando a identidade nacional a um mero reflexo do outro, a seber, França, Portugal... Esse jogo duplo em torno do funcionário público, permite ao leitor ampliar sua leitura acerca desse ser que era figura fácil no espaço fluminense, já que a idéia de estado como um poder patriarcal e inquestionável que habitava o olimpo da autoridade, afastava as pessoas “comuns” de possíveis questionamentos acerca de seu próprio espaço de habitação e, nesse caso da narrativa, o narrador questiona isso por meio da representação desse espaço sagrado ocupado pela figura do funcionário público:

Reforma é uma palavra que não se diz diante do empregado público aposentado. Há lá nada mais revoltante do que reformar o que está feio? Abolir o método! Desmoronar a ordem! [...] o empregado público aposentado [...] Representa o lado cômico das forças retroativas [...] (ASSIS, op., cit, p. 28)

O narrador discute, também, a aversão que a figura pública do aposentado tem à mudança, posto que o novo (segundo o olhar colonizador) traz um risco “incalculável” justamente por não saber suas implicações, então, nada mais cômodo que continuar com as velhas tradições, as mesmas regras, as mesmas

² Nesse caso eu penso o *entre-lugar* conforme Bhaba discute em **O Local da Cultura**, como algo que “renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente.” (p. 27). Esse espaço de intersecção entre o novo e o antigo, tradicional e moderno...

fontes e as antigas representações quando tudo isso resulta na passividade do “mesmo”.

Esse tipo de “*leitura contraventora*”³ realizada no texto, permitia ao interlocutor oitocentista ampliar seus *horizontes de expectativa* durante a leitura, o que podemos entender que esse narrador machadiano acabava construindo novos perfis de leitores, aqueles que questionavam as regras de seu *habitat* e buscavam outras formas de ver e construir o espaço de habitação. Essa narrativa em discussão permite-nos estabelecer um dialogismo entre a forma de ler do narrador machadiano do oitocentos carioca com uma frase da letra da música de Caetano Veloso, em que o baiano diz “Narciso acha feio o que não é espelho”, nesse caso da crônica, o narrador acha feio o que é espelho, posto que o espelho⁴ nessa época refletia apenas para o lado europeu como pretensa imagem do povo brasileiro.

Em nossa última análise sobre essas narrativas da série “Aquarelas”, voltamos nossa atenção para a crônica cujo título é “**A reforma pelo jornal**”, em que o leitor narrador reflete sobre o jornal enquanto veiculador de saberes e provocador de mudanças na sociedade carioca. Nessa crônica o narrador não apenas desconstrói o discurso hegemônico que pode escravizar a sociedade carioca e monopolizar o saber, como também, reconhece no jornal o instrumento “viabilizador” de outros discursos, dando voz ao até então silenciado leitor... aos mais variados tipos de leitores que ocupavam o cenário carioca. Segue abaixo o referido trecho da narrativa:

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo [...] esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão. E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *status quo*, de todos os falsos princípios dominantes. (ASSIS, 1970, p. 44 – 45)

Aqui, o leitor narrador chama atenção, ainda, para a palavra, não enquanto uma relação restrita entre significante e significado, mas numa relação ruínosa de desconstrução dos paradigmas que, a todo instante dialoga com outros olhares,

³ Mesmo tendo especificado sobre o leitor contraventor em outra nota, considero pertinente refletir sobre a forma de leitura desse tipo de leitor, até porque, usei esse termo em parágrafos anteriores a esse e, posso usá-lo mais a frente. Penso a leitura contraventora não como um modelo, mas como a ação imaginária desse interlocutor inserida no texto que, desconstruindo o discurso hegemônico do outro sobre si e seu entorno, amplia-se as possibilidades de intervenção do leitor por meio de seu imaginário.

⁴ Apenas por efeito de esclarecimento, o espelho que trato aqui, é o objeto com superfície polida que reflete imagens, e não, o periódico oitocentista que circulavam a série de crônicas “Aquarelas” que estamos estudando.

convidando sempre a intervenção de alguém... e esse alguém era o leitor, especificamente nesse caso, o leitor oitocentista.

Não podemos deixar de citar que, nesse trecho da narrativa machadiana, o narrador leitor convida seu interlocutor a pensar, também, sobre o poder do impresso (e, conseqüentemente da leitura) para a sociedade carioca, estabelecendo, com isso, um pacto de leitura não apenas pelo que vem no jornal impresso, mas principalmente pelo que o próprio impresso é e pode provocar na sociedade carioca enquanto instrumento de leitura. Essa ação do narrador possibilita-nos pensar sua atividade leitora como bidimensional, numa via de mão dupla, haja vista que, não apenas demonstra sua forma de intervenção como também provoca no leitor diversas possibilidades de leituras e, nesse caso, podemos associar o que o narrador propõe com aquilo que Scholes (1989) afirma: “Direi que a leitura é dialética.” (SCHOLES, 1989, p. 24), ou seja, nesse movimento de idas e vindas no processo da leitura todos saem afetados, tanto a crônica quanto o leitor.

Além disso, ao discutir acerca do caráter de ação, construção e reformulação, exposto na idéia de relacionar jornal e verbo, o narrador convida a uma leitura reflexiva sobre o lugar do leitor enquanto esse ser que se reconstrói e constrói, também, o seu espaço de significação. O que nos faz pensar em Iser (1999) quando afirma que: “[...] o leitor reage a algo que ele mesmo produzira, e este modo de reação explica por que somos capazes de experimentar o texto como evento real.” (ISER, 1999, p. 45). Portanto, nas narrativas da série “Aquarelas”, o narrador se apresenta enquanto um leitor que convida outros leitores a recriar-se e criar o espaço carioca do dezenove brasileiro, isso, desconstruindo o discurso hegemônico ocidental ainda operante e usado no cenário brasileiro, revisitando o consagrado e, por fim, abrindo caminhos para outras representações e leituras possíveis aos interlocutores oitocentistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Ângela. “O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro – Negociando a diferença”. In.: ARRUDA, Ângela (org). *Representando a alteridade*. Petropolis, RJ: Vozes, 1998. p. 17 – 46.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1970, V. 1 e 2.

BARTHES ROLAND. “O mito hoje”. IN: *Mitologias*. Traduzida por Rita Buongermino e Pedro de Souza. 8ª edição – Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 1989.

Nelson de Jesus Teixeira Júnior

Patrícia Kátia da Costa Pina

EM “ESPELHO” ... O NARRADOR ENQUANTO “LEITOR CONTRAVENTOR”

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Trad. de Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2003.

HOBBSAWM, E. J. RANGER, T. O. (Terence O.). *A Invenção das tradições*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* – vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. “Tradição literária e consciência atual da modernidade”. In: Heidrun Krieger Olinto (org.). *Histórias de literatura. As novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

LEVINAS, Emmanuel. *Entre nos: ensaios sobre a alteridade*. Petropolis: Vozes, 1997.

SAID, Edward W.; BOTTMAN, Denise. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHOLES, Robert. *Protocolos de leitura*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

IN “ESPELHO” ... THE NARRATOR WHILE “CONTRAVENTOR READER”

Abstract: This article aims to study the reading action of the narrator while contraventor reader, that transgride the way of standart reading, linear and reflective, that was practiced by the decadente burguesy, to dialog with the leitorado of the epoch and to build new represantations about yourself the other and everything about him/her. This, from the analisys of fragments of the these marchadiana narratives-that circulated in the 59 thdecade of the century that point to the subjects read in way nom hegemonic by the columnist the thorical fundamentation of thisd multidisciplinary study will give itself among theoretics like Iser (1999), Said (1995), Barthes (1989), Bhabha (2003), etc

Keywords: Narrator; Otherness; Chronicis; Reader.

Recebido em 20 de setembro de 2009; aprovado em 15 de novembro de 2009.